

**CAMINHOS DA
LITERATURA: ALICERCE
PARA A LEITURA**

MACHADO, Eduardo Pereira¹

¹ Licenciado em Letras pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA/RS), Especialista em Ensino de Literaturas de Língua Portuguesa pela mesma universidade e Mestrando em Letras – Linguagem, Interação e Processos de Aprendizagem pelo Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter/RS).

RESUMO: Este artigo discute, primeiramente, os caminhos já percorridos pelos professores de Literatura no que tange ao ensino dessa disciplina – apontando as dificuldades e os métodos adotados – interligando-os com a prática da Leitura. Após, são indicadas algumas sugestões a fim de que se possa ter um ensino de qualidade e prazeroso tanto no que diz respeito à Literatura quanto à Leitura, uma vez que ambas estão diretamente relacionadas.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura, Literatura, Ensino.

ABSTRACT: This article first discusses the ways already followed by Literature teachers concerning the teaching of this subject – pointing out the difficulties and the adopted methods – establishing a connection with the practice of Reading. It also provides suggestions which enable a pleasant and quality teaching regarding to Literature and Reading, considering that both are directly related.

KEYWORDS: Reading, Literature, Teaching

A Literatura, infelizmente, é considerada nas escolas uma disciplina que não “acrescenta” conhecimento aos alunos de forma prática, diferente da Língua Portuguesa e da Matemática, por exemplo. Isso se deve, em parte, ao fato de esse componente curricular não possuir conteúdos aplicáveis, tais como: regras, fórmulas, atividades físicas entre outros.

Sendo assim, em muitas escolas, o Ensino de Literatura é visto como apenas “preenchimento” da carga-horária e, muitas vezes, o professor responsável não utiliza metodologias pertinentes para lecionar tal disciplina, fazendo com que as aulas sejam restritas a leituras de obras, fragmentos literários ou livros infanto-juvenis. Nesse sentido, aulas sem uma adequada contextualização deixam a obra trabalhada fora da realidade dos educandos e torna a leitura um simples ato mecânico. Ocorrem, também – o que é ainda mais grave – situações em que o professor responsável pelo ensino de Literatura nem sequer é licenciado em Letras², tendo sido “deslocado” de outra área de conhecimento.

Outro fator que descaracteriza o ensino da Literatura são os critérios utilizados para a avaliação, que não ultrapas-

² As considerações feitas nesse artigo no que diz respeito ao ensino de literatura são fruto de discussões realizadas entre professores da rede pública e particular do Estado do Rio Grande do Sul durante o curso de especialização em ensino de literaturas de língua portuguesa (ULBRA) no biênio 2004-2005.

sam a antiga fórmula leitura/prova, na qual o aluno é avaliado apenas pela leitura realizada e por perguntas tais como “qual o enredo da obra lida” e “cite os personagens principais”. Sabemos que esse tipo de conduta do educador não eleva o corpo discente a um constante crescimento intelectual.

É perceptível, nas escolas, a falta de estímulo para produções textuais, em que o aluno possa escrever, tornando-se um leitor/escritor, pois os professores primam apenas pela análise e interpretação de textos. Auxiliando os problemas enfrentados no ensino de literatura, temos, também, a falta de recursos para a prática educacional e formação de leitores. Na maioria das escolas, principalmente na rede pública de ensino, percebemos a defasagem no acervo literário das bibliotecas e, além do mais, os responsáveis pelo atendimento, em sua totalidade, são pessoas que não têm formação especializada para tal função, desenvolvendo suas atividades de forma desorganizada, proporcionando, dessa forma, um atendimento de má qualidade.

Como sabemos, o ensino de literatura está diretamente vinculado à leitura. Não podemos imaginar o ensino dessa disciplina sem que a leitura esteja presente. Assim, em meio a tantos problemas relacionados à prática de ensino, deparamo-nos com a dificuldade de proporcionar ao educando a motivação necessária para o ato de ler.

É notório que a formação do leitor se deve iniciar antes de o aluno entrar para a escola; a motivação deve ocorrer já no âmbito familiar, pois é através do exemplo e da curiosidade que a criança desperta para o mundo das letras.

As crianças não aprendem através da instrução, elas aprendem através do exemplo, e aprendem atribuindo significado a situações essencialmente significativas (...). As crianças aprendem desde o momento em que vêm ao mundo (SMITH, 1973:49).

Mas, infelizmente, salvo casos raros, não encontramos o auxílio essencial para o desencadeamento do processo “família + exemplo = leitura”. Tal fato pode ocorrer devido à falta de tempo da família na criação do educando, já que estamos inseridos em um mundo onde o tempo é um produto escasso; além disso, a leitura restringe-se ao poder aquisitivo do brasileiro – cada vez menor – e a dificuldade ao acesso à produção escrita.

A falta de tempo também é característica apontada pelos professores, pois a excessiva carga-horária do educador³ versus a pequena carga-horária da disciplina, faz com que o docente não planeje recursos mais aprimorados:

Problema de difícil solução, sem dúvida, é a falta de tempo do professor. (...) A falta de tempo resulta em falta de preparo de aulas e de material didático apropriado. Nas escolas, muitas vezes, observam-se planos copiados de anos anteriores, objetivos traçados para outras turmas, por outros professores, critérios de avaliação aleatoriamente selecionados, que resultam em avaliações malfeitas e em aulas sem estímulo para os alunos (CAVALCANTE, 2003: 155).

A dificuldade em ensinar Literatura, além das já mencionadas, pode estar, também, na desatualização do profissional da área, que na sua função de mediador do conhecimento não provoca de forma desafiadora a interação entre o aluno e o mundo da leitura/literatura. Dessa forma, o educador não diversifica seus métodos, uma vez que não busca o conhecimento do novo; sendo assim, continuam aplicando critérios antigos, que, por vezes, não fazem parte da realidade contemporânea dos educandos.

Ao retratar a realidade do ensino de Literatura, deparamo-nos com uma triste realidade norteadas por dificuldades a serem vencidas – iniciando com a formação do profissional e a quebra de seus (pré)conceitos e, por fim, mas não menos importante, considerando o perfil do aluno, suas vivências, seu contexto e suas (des)motivações.

Portanto, ao receber os alunos para a aula de Literatura, o professor deve, como tarefa primordial, estabelecer dentro de sua sala de aula uma interatividade, de tal forma que possa aguçar o interesse desses jovens aprendizes pela leitura, já que vivemos em um mundo onde a televisão, o videogame, o computador e o *shopping center* estão cada vez mais conquistando espaço dentre os afazeres diários da criança, do adolescente e até mesmo do adulto, tornando a concorrência perante a leitura, cada vez mais acirrada.

³ Na rede pública estadual do Estado do Rio Grande do Sul, os professores, em sua maioria, possuem uma carga-horária de quarenta 40 horas semanais enquanto a disciplina de Literatura possui um total de dois períodos (cerca de 45 minutos cada um) por semana.

A sala de aula foi e é o espaço onde professores e alunos trocam experiências relacionadas ao processo ensino-aprendizagem, sendo assim, antes de o educador partir para teorias e clássicos da literatura brasileira precisa, acima de tudo, fazer com que os alunos adquiram gosto pelas letras, descobrindo assim, o que elas podem lhes proporcionar.

O aluno, ao chegar ao Ensino Médio, depara-se com disciplinas até então “desconhecidas”. Assim sendo, é nessa etapa escolar que a maioria das escolas apresenta a literatura como componente curricular independente – por isso a grande preocupação em estimular os jovens para a prática da leitura, pois no Ensino Fundamental, muitas vezes, os textos servem apenas para o exercício da gramática.

Nesse novo universo, o professor tem papel importantíssimo no processo de motivação do educando, auxiliando-o na descoberta do “novo”. Porém, para alcançar o objetivo almejado são necessários alguns pré-requisitos:

Em primeiro lugar, é necessário que o professor tenha amor pelo que faz. Ou melhor: é preciso paixão. O entusiasmo com que se fala de um livro, a maneira como se dá uma aula, os procedimentos selecionados podem ser os melhores remédios para educar o aluno que não tem o hábito da leitura. Não se ensina a amar o livro se não se gosta de ler (CAVALCANTE, 2003:144).

O professor deve, segundo Luana Soares de Souza (2003: 201), em sua aula atrair e resgatar o ato de ler, fazendo desse ato algo prazeroso. O professor deve, também, deixar para trás aquela série de tarefas repetitivas e descontextualizadas:

A aula de literatura precisa se tornar, nas palavras de Barthes, uma “armadilha amorosa”, atraindo e recuperando o ato de ler como exercício prazeroso, o qual não pode ser atrelado ao pragmatismo da realização de tarefas repetitivas, descontextualizadas e desvinculadas da visão particular do mundo que oferece o texto ficcional (SOUZA, 2003: 201).

A aula de Literatura deve proporcionar ao aluno um momento de reflexão, discussão e interação com professores e colegas; a comunicação deve ser fator predominante nessas aulas:

Comunicação aqui entendida como um processo de construção de significados em que o sujeito interage socialmente, usando a língua

como instrumento de que o define como pessoa entre pessoas. A língua compreendida como linguagem que constói e “desconstrói” significados sociais (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 1999: 138).

Nesse contexto, o aluno, dentro da escola, deve ter assegurado um exercício amplo da linguagem, tendo o direito tanto de dizer e escrever, quanto de ser ouvido e lido:

A competência do aluno depende, principalmente, do poder dizer/escrever, de ser alguém que merece ser ouvido/lido. A escola não pode garantir o uso da linguagem fora do seu espaço, mas deve garantir tal exercício de uso amplo no seu espaço, como forma de instrumentalizar o aluno para o seu desempenho social (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 1999: 144).

É importante, portanto, que o professor seja o estimulador da criatividade e da comunicação, deixando os momentos de convivência educador/educando os mais participativos possíveis, nunca se esquecendo de que a peça fundamental dessa relação é a interação do aluno junto a seus colegas e professores. Cabe aqui, também, ressaltar a necessidade de o mestre conhecer a turma em que está inserido e, principalmente, a individualidade de cada membro, para que sua aula possa fluir com qualidade e o resultado possa ser satisfatório:

O bom professor deixa o aluno participar. É comunicador, portanto, é emissor/receptor de mensagem. Sabe que não é o dono da verdade. O bom professor não é aquele dogmático, que pensa que sabe tudo. Não é o que dizia (diz?): “Nota dez é só para o professor”. O bom professor é criativo. E abre caminho para que o aluno crie (CAVALCANTE, 2003: 157).

Porém, sabemos que há muitas barreiras a serem enfrentadas. Para que possamos solucionar as defasagens no ensino de Literatura, principalmente no que diz respeito à leitura, será necessário um trabalho a longo prazo, pois é importante resgatar a atuação da família do educando, uma vez que ela é uma das bases para a formação do leitor.

A escola, como agente disseminadora de conhecimento pertencente a uma determinada comunidade, deve promover a interação da família em seu universo, proporcionando, por exemplo, ciclos de debates sobre a importância do ato de ler, resgatando a necessidade da leitura no âmbito familiar.

Professores, juntamente com a Direção, devem sistematizar paradigmas necessários à prática da leitura, capacitando o corpo docente, reformulando os conteúdos de cada série e inserindo investindo na prática de leitura.

A instituição escolar deve incentivar a leitura em seus diversos ambientes, principalmente na biblioteca, que nessa nova perspectiva de motivação, precisa ser remodelada, reestruturada. Proporcionar ao leitor um ambiente sereno, calmo e tranqüilo é fundamental. Utópico, talvez, mas não impossível, seria oferecer poltronas confortáveis, onde o estudante, ao final de seus estudos ou em turno inverso, encontre na biblioteca um local receptivo para a prática mais instigante e prazerosa: a leitura.

Portanto, os primeiros passos para o estímulo ao “exercício da Literatura” devem ser extremamente interessantes para os alunos. Nesses momentos iniciais, temos de ter muito cuidado ao escolher as obras destinadas à leitura, pois, embora nossa literatura seja riquíssima, de extrema importância – e para nós, professores de Língua e Literatura, intensamente prazerosa – devemos ter a noção de que para o aluno não o é, devido a uma série de fatores, sendo um deles, talvez o principal, a linguagem:

O professor de Literatura Brasileira no Ensino Médio tem em suas mãos uma tarefa desafiadora. Os jovens que freqüentam esse ciclo, em geral, não manifestam interesse pela leitura, defendendo a tese de que as histórias são muito chatas e difíceis de ler (VERNES, 2003:205).

Após escolher a obra, o professor – na sua tarefa de mediador – deve planejar sua aula utilizando-se de métodos diferentes dos utilizados até alguns anos atrás, estimulando o aluno, pouco a pouco, a preencher as lacunas deixadas pelo texto trabalhado.

A intertextualidade, por exemplo, encontrada nos textos é essencial, uma vez que denota do educando um certo conhecimento de mundo e aproximação com a sua realidade.

Ao mesmo tempo, estimular o estudante para a produção textual é uma tarefa que exige do profissional atividades constantes e desafiadoras, mas que é necessária e fundamental, nunca esquecendo que os textos devem ser escritos para serem lidos e não engavetados.

O estímulo para a produção de textos deve iniciar desde muito cedo, mas sabemos que isso não ocorre – e quando ocorre, muitas vezes, é porque o professor não preparou a aula e engata uma redação descontextualizada “para passar o tempo” – então é nossa tarefa, professores do Ensino Médio, difundir a prática do real planejamento das aulas. Para tanto, é necessário promover no ambiente escolar espaço para que o aluno possa relatar suas experiências, promovendo assim, a troca de informações.

Na disputa acirrada em que a Literatura e a Leitura encontram-se, fazem-se necessárias metodologias diferenciadas e motivadoras, dentre essas, o teatro é uma forma de despertar interesse.

Proporcionar aos estudantes contato direto com peças teatrais é uma alternativa instigante, porém sabemos que nem todos têm acesso a esse tipo de cultura, o que não impede que o professor trabalhe com esse recurso em sala de aula. Nesse campo nos deparamos, mais uma vez, com a intertextualidade, já anteriormente mencionada:

A intertextualidade leva, portanto, novamente à descoberta do caminho para a aula de literatura. Encontramos em outras linguagens, na de outras artes (pintura, esculturas, cinema, teatro) o material que pode auxiliar na leitura do texto literário. O estímulo à literatura nasce da compreensão. (...) Nesse sentido o teatro sempre foi preciosa técnica para aprendizagem (CAVALCANTE, 2003: 151).

Trabalhar a leitura/literatura juntamente com outras artes torna o processo de ensino-aprendizagem mais dinâmico e interessante, tornando-se um ato, considerado pelos alunos, divertido.

Nessas novas perspectivas, o processo avaliativo ganha espaço para discussões:

É fundamental que a avaliação seja contínua, de acordo com os objetivos estabelecidos em cada etapa da aprendizagem. (...) o professor deve realizá-la de acordo com as habilidades que deseja ver desenvolvidas no aluno (falar, ouvir, ler, escrever) conforme as características da turma – do aluno em particular – e os níveis de aprendizagem em que se encontrem (CAVALCANTE, 2003: 144).

Dessa forma, o processo de avaliação deve compreender e preencher todos os campos do conhecimento, de maneira coesa e ampla, analisando os conhecimentos prévios do

educando e os adquiridos após as aulas. Para tanto, o docente necessitará realizar anotações a cada aula ministrada, a fim de promover um parecer justo e satisfatório.

Enfim, torna-se perceptível que o ensino de Literatura depende da motivação para a leitura, que por sua vez deve ser uma prática desafiadora e movida pela curiosidade. Logo, o sucesso da docência dessa disciplina está diretamente ligado ao comprometimento em querer, além de ensinar fatos, aguçar os estudantes para um ato extraordinário e prazeroso, uma viagem onde o condutor é o leitor, pois através da literatura o aluno torna-se um disseminador de cultura, propagando-a para sua comunidade, fazendo da leitura um ato solitário, porém, uma prática social.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTE, Moema. *Com método e criatividade: aula de literatura*. In: SOUZA, Luana (org). *Ensino de língua e literatura: alternativas metodológicas*. Canoas: Editora da ULBRA, 2003.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília, 1999.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leitura e realidade brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

SOUZA, Luana. *Explorando textos e horizontes: a estética da recepção no ensino de literatura*. In: SOUZA, Luana (org). *Ensino de língua e literatura: alternativas metodológicas*. Canoas: Editora da ULBRA, 2003.

SMITH, Frank. *A política da ignorância*. In: *The politics of reading*. Point and counter point. Delaware: Eric & Ira, 1973.

VERNES, Isabel. *O texto machadiano: estratégias sedutoras de leitura para o ensino médio*. In: SOUZA, Luana (org). *Ensino de língua e literatura: alternativas metodológicas*. Canoas: Editora da ULBRA, 2003.

Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Colegiado do Curso de Letras — Campus de Cascavel

REVISTALÍNGUAS & LETRAS

Versão eletrônica disponível na internet:
www.unioeste.br/saber